

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 1, Número 2, Dez. 2012

## DIÁLOGOS SOBRE AS CONCEPÇÕES DE SUJEITO EM MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM



## DIALOGUES ABOUT THE SUBJECT CONCEPTIONS IN MARXISM AND LANGUAGE PHILOSOPHY

Juliana Cáu Durante (UFPE)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [A AUTORA](#)  
RECEBIDO EM 11/11/2012 • APROVADO EM 21/12/2012

---

### Resumo

---

Se tomarmos como ponto de partida a relação existente entre *sujeito*, *alteridade* e *linguagem*, a partir de diferentes paradigmas teóricos, podemos estabelecer algumas considerações acerca das formas de perceber o discurso e o sujeito em Análise do Discurso. Para tanto, recorreremos à crítica efetuada por Bakhtin (2004) às correntes linguísticas dominantes da época e a sua concepção de linguagem, apresentada em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, para então efetuarmos aproximações e leituras possíveis entre Bakhtin e seu posicionamento dialógico e as posições de sujeito presentes na Análise do Discurso Francesa, de origem psicanalítica.

---

### Abstract

---

If we take as our starting point the relationship between subject, otherness and language, from different theoretical paradigms, we can establish some considerations about the ways of understanding speech and the subject in Discourse Analysis. For that, we turn to the criticism made by Bakhtin (2004) to the dominant linguistic approaches of the current age and his language conception, presented in his book *Marxism and the Philosophy of Language*, and then we make approximations and possible readings between Bakhtin and his dialogic positioning and subject positions present in the French Discourse Analysis, from psychoanalytic origin.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Alteridade. Linguagem. Diálogo. Psicanálise.

**KEYWORDS:** Subject. Otherness. Language. Dialogue. Psychoanalysis.

---

## Texto integral

---

### 1. Introdução

Bakhtin (2004), em seu célebre livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* faz uma crítica às duas concepções de língua dominantes nos estudos linguísticos, gramaticais e filológicos.

A primeira concepção, que tem como um de seus importantes representantes o alemão Wilhelm Humboldt, denominada por Bakhtin de “*subjetivismo idealista*”, entende a língua enquanto algo que se constitui psiquicamente, sendo expressa por atividades mentais e individuais, mais precisamente caracterizado por atos de fala individuais. As leis que sustentam tais criações linguísticas racionais são essencialmente individuais-psicológicas. A língua é vista enquanto uma ferramenta pronta para ser instrumentalizada individualmente (BAKHTIN, 2004).

A este respeito, Koch (2003) comenta que a noção de língua nesta primeira concepção, enquanto “representante do pensamento”, corresponde à concepção cartesiana de sujeito, sujeito da consciência, psicológico e individual. Sujeito este essencialmente histórico e social, com capacidade de interação, porém, dono de suas ações.

A segunda concepção criticada por Bakhtin (2004), representada por Saussure, foi por ele denominada “*objetivismo abstrato*”. Aqui a língua é entendida enquanto um sistema estável, imutável, regido por leis e regras linguísticas objetivas. Dentro deste sistema fechado, são estabelecidos vínculos entre os signos linguísticos, e os chamados atos de fala individuais são entendidos enquanto refrações ou mesmo variações linguísticas das normas anteriormente

formalizadas. Não existem vínculos entre palavra e sentido e estes não carregam em si nenhum caráter ideológico.

A noção de sujeito que se coloca neste momento é o sujeito determinado pelo sistema, assujeitado, caracterizado por uma “não consciência”. Neste sentido, Possenti (2001), comenta:

O indivíduo não é dono de seu discurso e de sua vontade: sua consciência, quando existe, é produzida de fora e ele pode não saber o que faz e o que diz.

A terceira concepção, proposta por Bakhtin, que se contrapõe às anteriores, considera a língua enquanto atividade social, em que o foco do interesse está não no enunciado, mas na enunciação, no próprio processo de ação verbal. A língua seria para ele um fato social (e não individual), originado da necessidade de comunicação (idem).

Para o autor (2004, p.123):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

A noção de sujeito que parece permear esta nova concepção de língua proposta por Bakhtin (2004), parece dizer do sujeito da interação, do diálogo, do discurso, levando-se em consideração este lugar intermediário de produção linguística existente entre eu e outro.

Bakhtin, frente a tais ideias, aponta para a importância de se conceber o lugar da alteridade neste processo dialógico de construção de sentido.

É, no entanto, mais precisamente em relação às duas últimas concepções aqui apresentadas que efeturemos os possíveis entrecruzamentos, visto que tanto a análise do discurso quanto à psicanálise mantêm-se críticos e contrários a primeira concepção, a de sujeito cartesiano.

## **2. Alguns pressupostos teóricos sobre o discurso e as concepções de sujeito na psicanálise**

Na história da Análise do Discurso de corrente francesa, como é de conhecimento dos estudiosos da área (AUTHIER-REVUZ, 2004; MAINGUENEAU, 2005), postula-se que o sujeito seria linguisticamente “assujeitado” por uma dada ideologia anteriormente circunscrita na sociedade, na qual este sujeito encontraria-se então na posição de submissão as formações ideológicas e que estas últimas seriam determinantes das formações discursivas por ele produzidas.

Estas noções de sujeito “assujeitado” e “submisso” ideologicamente presentes na AD foram tomadas de empréstimo das formulações do psicanalista Jacques Lacan (1966) em suas teorizações acerca do lugar do “outro” na constituição de sujeito, ao afirmar, incessantemente, que desde que vimos ao mundo, carregamos a condição estruturadora e fundante de sermos “alienados ao outro”, na medida em que, como bem descrito anteriormente, “somos constituídos pelo desejo do desejo do outro, e em cuja falta este outro permanecerá sempre desejando”.

Ou seja, estaríamos, desde o nascimento até a morte, na condição de submissos e alienados ao desejo do outro, desejo este que jamais poderá ser satisfeito.

Para Lacan (1966), em sua conceituação sobre o estágio do espelho, o processo de identificação, neste momento de constituição inicial de sujeito, é marcado pela perda si, que ao procurar-se a si no outro semelhante, o que o sujeito encontra é a imagem deste outro, o que define e funda, de uma vez por todas, a sua condição de alienação a este “outro”.

A relação estabelecida entre eu e outro, nesta fase, define a impossibilidade, neste primeiro momento, do bebê ser visto por este outro enquanto um sujeito, diferente de si. A indiferenciação eu-outro é o que define tal relação, só sendo possível constituir um primeiro esboço de eu, no registro imaginário (imagem especular), na constituição de “desejo do outro”. Só mais tarde, com a entrada da lei do pai, representada no Édipo pela metáfora paterna, (que impediria a realização do desejo incestuoso dual e primordial), que o “infans” caracterizar-se-ia enquanto sujeito uno e individual.

Com base nas teorizações apresentadas até o momento, àquilo que marca de modo crucial a dimensão de “outro” para Lacan seria justamente a condição alienante imposta ao sujeito, sendo esta condição o que viria a definir sua própria estruturação enquanto sujeito, permitindo assim sua entrada posterior no registro do simbólico e a sua conseqüente ascensão à linguagem e a cultura.

A ideia de uma alienação a este “Outro” simbólico que descreve Lacan seria representada ao sujeito do discurso, justamente pela imposição deste caráter social e ideológico ao qual estaríamos todos submetidos e que estaria no lugar da representação desta lei, a ordem deste “Outro”, parecendo assim justificada em parte a entrada e influência da psicanálise à Análise do Discurso.

Dizemos em parte porque este mesmo sujeito da psicanálise, também se encontra submetido ao Inconsciente, o que marca a ideia de não-um, de um sujeito descentrado, diferente do sujeito cartesiano, da consciência; seria o sujeito clivado,

dividido, que abre a possibilidade para o novo, para o heterogêneo. E é no cerne de tal concepção teórica que a AD encontra lugar para alguns de seus questionamentos e modos de compreender o sujeito do discurso.

Aproximar a AD à psicanálise em torno do conceito de inconsciente não parece colocar ou levantar maiores questionamentos. Ao contrário, tal interlocução abre uma série de possibilidades de pensar o lugar do sujeito no discurso de forma mais híbrida, plural, dinâmica e relacional, fora do âmbito das certezas que o campo da consciência nos coloca. Contudo, parece que tomar o lugar do “outro” no discurso, dentro da perspectiva teórica lacaniana traz consigo certas problematizações. É o que veremos mais a diante.

### 3. Um diálogo entre a Análise do Discurso Francesa e a Psicanálise Winnicottiana

Quando Winnicott (1975; 2000), em sua releitura do espelho de Lacan (1966) coloca que em sua compreensão, “o espelho é o rosto da mãe ao qual o bebê, ao olhar, vê a si mesmo”, damos um giro de 180° graus e mudamos completamente de perspectiva e paradigma teórico.

Ao efetuar tal afirmativa o autor quer dizer que o que está posto enquanto ponto chave neste momento do desenvolvimento inicial, na relação entre eu (bebê) e outro (mãe), não é senão “a *capacidade de identificação* da mãe às necessidades do bebê, que faz com que ela possa se ver no lugar do bebê e oferecer-lhe tudo o que o mesmo necessita”, no papel de mãe suficientemente boa, como Winnicott mesmo define.

Afirmar que o bebê, quando olha para a mãe, seu outro semelhante, vê a si mesmo, evidencia esta possibilidade de identificação primária, em que o “outro”, no caso aqui a mãe, só pode se colocar na posição de identificação se antes ela pressupor a existência de um sujeito ali, o qual encontra-se em relação de dependência com ela, inicialmente absoluta e gradativamente relativa, mas que desde sempre é tomado enquanto um ser que não só existe, mas que constitui-se, desde o nascimento, como um sujeito diferente dela. Pois se assim não fosse, não haveria possibilidade de identificar-se no outro.

Esta relação de troca, de parceria, que ocorre entre eu e outro, na perspectiva de Winnicott, realiza-se no cerne do que ele chamou de área intermediária, espaço que não se configura enquanto interno, nem tão pouco enquanto externo, pertencente nem ao eu, nem ao outro, mas configura-se enquanto um espaço “entre”, onde é possibilitada a experiência de ilusão por parte do bebê, devido à capacidade de identificação entre eu e outro por parte da mãe.

Neste sentido, a diferença básica que se coloca entre estes dois paradigmas teóricos existentes no campo psicanalítico acerca do lugar do “outro” é que para Lacan, nesta fase inicial não se pressupõe um sujeito, diferente de si mesmo, ao

qual seja possível identificar-se no sentido de uma troca, de uma parceria, como ocorre em Winnicott.

O processo de identificação para Lacan é marcado pela alienação e submissão do eu ao outro, na imposição eterna de seu desejo, o que não abre espaço para se pensar em dois, em “relação entre”, mas só se pensa em “Um indiferenciado”, entre o eu alienado e o outro alienante.

Mas quando se abre a possibilidade de pensar o sujeito enquanto relacional, desde o momento de identificação materna primária, pressupondo desde sempre dois sujeitos em “relação” (mesmo que de dependência, inicialmente), a criatividade e o surgimento do novo podem vir a aparecer sem maiores complicações.

E seria a experiência de ilusão, de onipotência, oferecida pela mãe que propiciaria esta condição criativa do indivíduo, em suas relações com os outros e com o mundo ao seu redor.

#### **4. Bakhtin e a concepção de sujeito Winnicottiano: entrecruzamentos**

*“Eu não sou eu nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio:  
pilar da ponte de tédio que vai de mim para o outro”.*  
*Poema: “O outro” de Mario de Sá-Carneiro, 1914.*

Se compararmos as correntes linguísticas propostas por Bakhtin em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* podemos enveredar num caminho de diálogos possíveis entre as relações estabelecidas entre *sujeito, alteridade e linguagem* e a psicanálise.

Como vimos, a concepção de sujeito vista sob a ótica de Lacan, tomando o lugar de sujeito “assujeitado” por este “outro”, parece encontrar-se em consonância com a corrente estruturalista saussureana, que encara a linguagem enquanto mero instrumento ao qual o sujeito encontra-se submetido para transmitir o que já está posto socialmente em termos ideológicos; o que apagaria sua capacidade criativa e de emergência subjetiva.

Já a concepção de sujeito vista sob a ótica de Winnicott, tomando o lugar de sujeito “relacional”, concebido neste espaço interativo de troca e de parceria, parece encontrar-se com a concepção de linguagem descrita por Bakhtin, ao considerar a língua enquanto um espaço de interação social, produzida no cerne do que ele chamou de *zona fronteira* entre o eu e o outro, num espaço de relação<sup>1</sup>;

---

<sup>1</sup> Vide Nota Explicativa ao final do texto.

em que a dimensão criativa e subjetiva do sujeito encontraria espaço para sua emergência.

Bakhtin (2004) define *enunciação* enquanto o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados e acrescenta que, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A *palavra* é o ponto de partida de muitas das reflexões desenvolvidas pelo autor (BAKHTIN, 2004) acerca da linguagem.

Para ele (2004), a palavra dirige-se diretamente a um interlocutor e esta, ao encontrar-se inserida num dado contexto social e situacional, onde os atores sociais são múltiplos e plurais, também terá necessariamente seu caráter de variabilidade. Ela constitui justamente o produto da interação entre locutor e ouvinte, servindo de expressão a um em relação ao outro.

Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2004, p.113).

A palavra, nesse sentido, situa-se no que Bakhtin (2004) chama de “zona fronteira”, entre locutor e interlocutor. Relendo Bakhtin (2004), podemos entender que a linguagem constitui-se, portanto, neste intermédio entre o *eu* e o *outro*, entre *homem* e *cultura*. Entendendo aqui homem enquanto o locutor da enunciação e a cultura como sendo esse interlocutor social, apoiado por toda uma esfera contextual sociopolítica e ideológica.

Este parece ser um importante ponto de aproximação entre Winnicott e Bakhtin, uma vez que o conceito de “zona fronteira” de Bakhtin, espaço pelo qual se constitui a linguagem, (neste intermédio entre o eu e o outro), parece aproximar-se bastante da definição de “espaço intermediário” ou “potencial” anteriormente descrito por Winnicott, espaço de emergência da dimensão subjetiva e criativa existente na relação entre eu e outro, o que vem a marcar um possível entrecruzamento entre ambos os autores.

Se aproximarmos a compreensão de Winnicott no que se refere a relação estabelecida entre eu e outro, com algumas das formulações de Bakhtin acerca do princípio constitutivamente dialógico da linguagem, princípio este que serviu de alicerce ao importante conceito de *interdiscurso*, tal qual descreve Maingueneau (2005), veremos que, tal como afirma Amorim (2004, p.18): “*não há escrita criadora sem alteridade entre autor e locutor*”, o que marca e evidencia este lugar do *outro* num espaço de *ação criativa*, tal qual nos apresentou Winnicott.

Esta colocação de Amorim (2004, p.18) a respeito da questão da alteridade presente no discurso marca também o estatuto dialógico existente em todo processo de comunicação discursiva, como nos chama atenção Bakhtin (2003), em seu livro “*Estética da Criação Verbal*”.

Bakhtin (2003, p.270), fazendo um percurso histórico em torno das questões referentes ao lugar ocupado, ao longo do tempo, pela posição do falante e do ouvinte no interior dos discursos (autor/locutor), aponta para o fato de que “se era levado em conta o papel do *outro*, era apenas como papel de ouvinte que apenas compreende passivamente o falante”. A esse respeito, o autor comenta:

Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva eles se transformam em ficção científica. Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Frente a esta formulação de Bakhtin, torna-se evidente sua posição crítica à ideia de que um discurso estaria sempre submetido ao já dito, de modo preestabelecido e predeterminado, ocupando o sujeito uma posição passiva, submissa e alienada a estas outras vozes, tal qual descrito anteriormente. A este respeito e tratando igualmente da posição do sujeito falante, Bakhtin (2003, p.272) acrescenta:

Ele não espera uma *compreensão passiva*, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes). O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante.

Nesse sentido, trazendo para o interior da compreensão dialógica ativo-responsiva entre falante e ouvinte, Bakhtin confere à memória interdiscursiva um estatuto privilegiado, relacionando-a à questão da alteridade, presente em todo enunciado linguístico:

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2003, p.272).

Dito isso, não é senão baseando-nos nestas importantes formulações de Bakhtin acerca de seu entendimento de discurso que construímos as articulações e reflexões aqui presentes, posição na qual o sujeito ocupa um lugar significativamente ativo e responsivo frente a qualquer tipo de construção discursiva, representando uma réplica ao já dito, mas que de forma nenhuma apresentam-se do modo “passivo” e “alienante” imposto por estes outros (tal qual vimos com a concepção de outro lacaniano), que parece fechar e não abrir as inúmeras possibilidades de emergência do novo e do criativo no interior de todo processo de construção enunciativo-discursiva.

Pretendemos aqui, antes de tudo, ressaltar que, embora, tanto em Lacan, quanto em Winnicott, o lugar de construção e identificação subjetiva entre eu e outro seja pautado num espaço de *ilusão*, no primeiro este processo identificatório encontrar-se-ia marcado pela alienação a este outro que me define (um sujeito assujeitado ao outro); enquanto que no segundo, a identificação no campo da ilusão dá-se numa relação entre dois, que justamente por reconhecerem-se dois (interdependentes, num espaço de construção intermediária), abre-se a possibilidade da constituição deste sujeito relacional.

Ao nosso ver, parece bem mais interessante e produtivo articularmos as recentes contribuições da análise do discurso no que se refere ao primado do interdiscurso quando passamos a entender a dimensão da *alteridade* num outro paradigma da psicanálise que não a concepção de *outro* assujeitado.

Dessa forma, efetuamos, no presente artigo, um breve passeio de aproximações teóricas entre divergentes campos epistemológicos (a linguística e a psicanálise), que longe de ser uma tentativa de homologação ou mesmo de complementação teórica, como bem descreve Authier-Revuz (2004), visto que a própria natureza distinta de tais áreas do saber não o permitiria; tratou-se, mais objetivamente aqui de indicar novas e possíveis formas de ler e compreender a noção de “outro” e as contribuições que podem advir à análise do discurso sob um outro paradigma de leitura.

## Nota

<sup>1</sup> A respeito desta possível aproximação conceitual entre Winnicott e Bakhtin, ver artigo “O brincar e a linguagem: uma interseção possível entre Winnicott e Bakhtin?”, de minha autoria, publicado no site [www.estados.gerais.org](http://www.estados.gerais.org) e apresentado no IV Congresso Latino-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, em São Paulo, em novembro de 2005.

---

## Referências

---

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M.(VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11ª edição, São Paulo: Editora HUCITEC-ANNABLUME, [1929]2004.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, I.G.V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

LACAN, J. **O Estádio do Espelho como Formador da Função do “je” tal qual nos é revelado na experiência psicanalítica**. Tradução de Yeda Swirski; revisão Mary Georgina Boeira da Silva. Texto original: LACAN, J. *Écrits, L'Étape du miroir comme formateur de la fonction du je telle qu'elle nous est révéllée dans l'expérience psychanalytique*, Ed. du Seuil, 1966.

MAINGUENEAU, D. **Gêneses dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar edições, 2005.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, D.W. **O brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

---

### Para citar este artigo

---

DURANTE, Juliana Cáu. Diálogos sobre as Concepções de Sujeito em Marxismo e Filosofia da Linguagem. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 112-122.

---

### A Autora

---

**Juliana Cáu Durante** é graduada em Psicologia Clínica pela Universidade Federal de Pernambuco (2003.2). Especialista em Psicologia Clínica pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia). Mestra em Linguística pelo departamento de pós-graduação em letras - CAC, Universidade Federal de Pernambuco (2007.1).

Dissertação: O DISCURSO DO ESPECIALISTA SOBRE O LUGAR DOS PAIS NA CLÍNICA DO AUTISMO. Atuou como sócia do CPPL (Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem) no período de 2004 à 2008, instituição psicanalítica de referência no estado de Pernambuco no cuidado e tratamento de crianças e jovens em grave sofrimento psíquico, dentre as quais aquelas denominadas de “autistas”. Na referida instituição, atuou durante 5 anos enquanto assessora de consultoria em gestão estratégica, em parceria com a TGI, atendendo a instituições públicas e privadas na implantação de um plano estratégico. De 2007 a 2009, atuou como professora substituta de Psicologia pela UFPE, Centro Acadêmico de Vitória-CAV. De 2008 a 2010, atuou enquanto docente no curso de administração da Faculdade Européia de Administração de Marketing - FEPAM, ministrando as disciplinas: Psicologia aplicada à administração, Pensamento e Cultura, Trabalho de Conclusão de Curso II, este último atuando como orientadora. Atuou como docente na FAVIP, Faculdade do Vale do Ipojuca, ministrando disciplinas de Gestão de Pessoas, Psicologia Organizacional e Trabalho de conclusão de curso. Desde 2010 atua enquanto Tutora do Ensino a Distância (EAD) da Universidade Aberta do Brasil (UAB) pela UFPE no curso de Graduação em Português, ministrando disciplinas de Introdução a Linguística, Metodologia I e Elaboração de TCC. Em 2010 iniciou Doutorado na área de Linguística -UFPE: O Modelo Integrado de Gestão de Pernambuco (2007-2014) e seus agentes de mudança, sob orientação da professora Doutora em Linguística Virgínia Leal (Programa de Pos-Graduação em letras/UFPE) e co-orientação do professor Doutor em Ciências Sociais do Curso de Administração de Empresas (Públicas e Privadas) da UFPE . Atua ainda enquanto Analista em Gestão Administrativa, na SAD, do Governo do Estado de Pernambuco. Em 2011 ingressou na qualidade de sócia do Instituto de Gestão - INTG/TGI desenvolvendo projetos em Gestão e Psicanálise, e trabalhando na construção e transmissão de conhecimentos gerenciais.